

O Remanescente

11

TEOLOGIA

Batismo
e Ablução
dos Pés:
Mais do que
Símbolos

19

TESTEMUNHO

Um Folheto,
2790 Batismos

37

**OLHOS
NOS OLHOS**

Daniel Vicente

PUBLICADORA SERVIR
MARÇO 2026
N. 946 | ANO 87



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
**CAFILESA – SOLUÇÕES GRÁFICAS, LDA.
VENDA DO PINHEIRO**

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

março

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	[9]	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-3 FORMAÇÃO “PLANO PARA DEIXAR DE FUMAR”

7 DIA INTERNACIONAL DE ORAÇÃO DA MULHER

8 FORMAÇÃO SAL

14-21 SEMANA DE ORAÇÃO JA

21 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE E DA CRIANÇA

29 ENCONTRO *ONLINE* ACOLHIMENTO E RECEÇÃO (MINISTÉRIOS DA MULHER)

30 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO *ONLINE*

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 ASSOCIAÇÃO DA MOLDÁVIA (ROU)

9-13 ASSOCIAÇÃO DA MORÁVIA-SILÉSIA (CSU)

16-20 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

23-27 SEMANA DE ORAÇÃO DA JUVENTUDE ADVENTISTA (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[9] SEGUNDA-FEIRA

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
29	30	31	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	[13]	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
[26]	27	28	29	30	1	2

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2-5 ACAMPAMENTOS REGIONAIS

10-12 CONVENÇÃO DE EDUCAÇÃO

12 FORMAÇÃO SAL

18 DIA DA EDUCAÇÃO

19 ENCONTRO DE ANCIÃOS E DIÁCONOS

25-26 ENCONTRO NACIONAL DE LÍDERES JA

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO *ONLINE*

30/4-3/5 ENCONTRO *SINGLES*

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

30/3-3/3 UNIÃO AUSTRIACA (ATU)

6-10 UNIÃO ROMENA (ROU)

13-17 UNIÃO CHECOSLOVACA (CSU)

20-24 CASA PUBLICADORA *ADVENT ORION* (CSU)

27/4-1/5 CLÍNICA *LA LIGNIÈRE* (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[13] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[26] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

**Remanescente:
Identidade e Missão**

05

BÍBLIA

**O Remanescente
da Sua Descendência**

*O que nos diz a Bíblia
sobre o Remanescente?*

11

TEOLOGIA

**Batismo e Ablução dos
Pés: Mais do que Símbolos**

A purificação do crente.

19

TESTEMUNHO

**Um Folheto,
2790 Batismos**

*O poder missionário
da literatura adventista.*

24

HISTÓRIA ADVENTISTA

A Reunião

Campal de Wright

*Uma concretização dos
nossos pioneiros.*

32

GRAVADO NA PEDRA

**Os Canhotos
no Relato Bíblico**

Quem eram eles?

37

OLHOS NOS OLHOS

Daniel Vicente

Uma vida consagrada.

43

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Educação Adventista

*Uma Missão que Transforma
Vidas em Portugal.*

46

HERÓIS DA BÍBLIA

**Miriam – Chamada
para Servir**

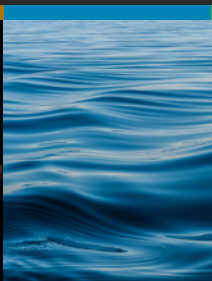
*Fica a conhecer a irmã
mais velha de Moisés!*

49

PÁGINA DA FAMÍLIA

A Família e a Inclusão

*Um valor central para
uma família cristã.*





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Remanescente: Identidade e Missão

“Então o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao remanescente da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apocalipse 12:17).

O Apocalipse revela-nos que a história humana não é apenas uma sucessão de eventos políticos ou sociais; é palco de um conflito espiritual profundo. No centro desse grande conflito surge o “Remanescente”. A palavra grega usada aqui, *loipos*, significa “os restantes”, “os que ficaram”. Não são os mais numerosos, nem os mais influentes. São os que permanecem fiéis apesar da oposição.

Desde o Antigo Testamento, Deus tem preservado um resto: Noé após o dilúvio, sete mil nos dias de Elias, um povo que regressou do exílio em Babilónia. A existência do Remanescente não é sinal de superioridade humana, mas de fidelidade divina. Deus mantém um povo porque o Seu plano de salvação não falha.

Apocalipse 12:17 apresenta duas características deste Remanescente: Guardam os Mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus. “O facto de o Remanescente ser assim identificado indica que os Mandamentos de Deus serão especialmente contestados nesta luta entre o dragão e a Igreja.”¹

Guardar os Mandamentos, no contexto do Grande Conflito, é expressão de lealdade.

Não é legalismo, mas fidelidade num mundo que relativiza a verdade. Ter o testemunho de Jesus é mais do que experiência pessoal; é proclamação viva da esperança do Evangelho.

O Remanescente não existe para se isolar, mas para testemunhar. Logo a seguir, em Apocalipse 14, encontramos a proclamação do Evangelho eterno a toda a nação, tribo, língua e povo. A identidade conduz à missão.

Ser Remanescente não é possuir um título; é assumir uma responsabilidade. Num tempo de confusão moral e espiritual, somos chamados a viver com coerência e a anunciar com clareza. A preservação do Remanescente é evidência do cuidado de Deus; a missão do Remanescente é evidência da sua fidelidade. “Deus chama aqueles sobre quem a luz da verdade brilha para tomarem o seu lugar no Seu exército. Ele chama-os para mostrarem a sua lealdade, caminhando na luz que Ele lhes deu.”²

A pergunta que hoje se impõe não é apenas doutrinária, mas espiritual: Estamos a viver como Remanescente? A nossa fidelidade traduz-se em compaixão? A nossa identidade conduz-nos à missão?

No Grande Conflito, Deus não preserva um povo apenas para existir: Preserva-o para proclamar. Está a minha vida a refletir, hoje, a identidade e a missão do Remanescente descrito em Apocalipse 12:17?

1

Francis D. Nichol, org., *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Vol. 7 (Review and Herald Publishing Association, 1980), p. 812.

2

Ellen G. White, *Our High Calling* (Review and Herald Publishing Association, 1961), pp. 19 e 20.

O Remanescente da Sua Descendência

O que nos diz a Bíblia
sobre o Remanescente?



Clifford Goldstein
Teólogo

*Retirado da revista
Signs of the Times
de setembro de 2023.*

Quando se trata de capítulos emocionantes na Bíblia (ou em qualquer outro livro), poucos igualam o suspense, os acontecimentos e o drama presentes em Apocalipse 12. As imagens são surpreendentes: Um dragão vermelho como fogo com sete cabeças e dez chifres (v. 3); uma guerra no Céu, imagine-se! (v. 7); “todo o mundo” enganado (v. 9); pessoas que “mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (v. 11); uma mulher a quem foram dadas “duas asas de grande águia” (v. 14); e o dragão lançado por terra (v. 13). É muita emoção, é muita ação, é muito drama. Sim, mas o que significa tudo isto?

Este capítulo de Apocalipse apresenta, em símbolos, uma visão panorâmica do que se tem chamado “o Grande Conflito” – o tema bíblico abrangente da batalha entre Cristo e Satanás, entre o Bem e o Mal – uma guerra em que todo o mundo está envolvido. “Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta” (v. 12). Apocalipse 12 abrange tudo, desde a queda de Lúcifer no Céu até ao fim da história deste planeta. Ele conta-nos a tentativa de Satanás de matar o bebé Jesus (veja também Mateus 2:13-18) e relata-nos a incessante perseguição de Satanás à Igreja.

O capítulo termina com a descrição de um povo – um povo do tempo do fim que enfrenta um desafio assustador. “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apocalipse 12:17).

Sobre o que trata este versículo? Quem é esse povo, este “restante da sua descendência”? Por que razão o dragão, Satanás (v. 9), lhe faz guerra? E, finalmente, com tal inimigo, que esperança de sobrevivência tem esse remanescente?

A primeira promessa evangélica

Para se identificar o povo remanescente, devemos começar pelo princípio – o Jardim do Éden – onde aparece uma serpente que, na realidade, é Satanás disfarçado: “E foi expulso o grande dragão, *a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás*” (v. 9; ênfase acrescentada). O relato de Génesis diz-nos que a serpente enganou Eva, levando-a a pecar, e ela também levou Adão a pecar (Génesis 3:1-6). Esta é a queda moral que desencadeou o sofrimento, o mal e a morte que afligem o nosso mundo. A Bíblia expressa-o desta forma: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5:12).

No entanto, a história em Génesis diz-nos que, mesmo antes de Deus ter pronunciado uma sentença sobre Adão e Eva, Ele deu-lhes – e a nós – espe-

**Logo que houve
pecado, Deus ofereceu
ao mundo a esperança
da salvação, que
viria através de Jesus,
o Messias.**





rança. Essa esperança é expressa num único versículo críptico conhecido em latim como sendo o *protoevangelium*. Esta designação procede da junção de duas palavras: *Proto*, com o significado de “primeiro”, e *evangelium*, com o significado de “boas novas”, isto é, outra expressão que designa o Evangelho como as boas novas da morte expiatória de Jesus em favor do mundo. Perceba isto: Logo que houve pecado, Deus ofereceu ao mundo a esperança da salvação, que viria através de Jesus, o Messias.

Neste versículo, surge a primeira promessa do Evangelho. Na narrativa, Deus não está a falar com Adão e Eva, mas com a serpente, isto é, com Satanás (veja Gênesis 3:1-5). Deus diz-lhe: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gênesis 3:15).

Repare que o Senhor coloca inimizade, ou hostilidade, entre a serpente, Satanás, e a mulher, Eva (na Bíblia a mulher também é o símbolo da Igreja de Deus); e entre a sua respectiva descendência. Isto é, hostilidade – inimizade – surgiria entre aqueles que estivessem do lado da serpente e aqueles que estivessem do lado da mulher – a Igreja de Deus. Mas o que acontece a seguir alude à vitória da Igreja, por meio de Cristo, sobre Satanás. O *calcanhar* da Igreja é ferido, enquanto a *cabeça* de Satanás é ferida. A descendência da mulher – Cristo e aqueles que estão com Ele – ferirá a *cabeça* da serpente, enquanto, em contraste, apenas o *calcanhar* de Cristo e da Sua Igreja será ferido. O que é pior, um calcanhar ferido ou uma cabeça ferida? A resposta é óbvia. No Novo Testamento, a Bíblia ajuda-nos a interpretar este texto sobre a descendência da mulher. Ele diz: “E o Deus de paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás” (Romanos 16:20), apontando diretamente para a anterior promessa de Gênesis 3:15.

O Remanescente de Apocalipse 12

Este *protoevangelium*, esta primeira apresentação do Evangelho (ou das “Boas Novas”), aconteceu no Éden, perto do início da história humana. É fascinante que, perto do fim da história humana, em Apocalipse 12:17, reaparecem os mesmos elementos do *protoevangelium*, mas agora no contexto das cenas finais do mundo. “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.”

Olhemos para os elementos comuns. Satanás, o dragão (em Gênesis 3:15, a serpente), irou-se (tem inimizade) com a mulher, a Igreja de Deus. E ele move guerra ao “restante da sua descendência”, a mesma descendência que aparece primeiro em Gênesis 3:15. Mas agora, no contexto dos últimos dias, a Bíblia refere-se ao *restante* (ou *remanescente*) dessa descendência, aqueles que restaram após uma guerra que durou quase seis mil anos. (Lembre-se de que a inimizade começou no Éden.) Assim sendo, então quem compõe este remanescente, este último fragmento da descendência da mulher?

Na tua descendência

Agora vamos trazer para a discussão outro capítulo de história que nos ajuda a clarificar a cena. Uma das histórias mais espantosas no Antigo Testamento – e também uma das mais “perturbadoras” – é a história de Abraão no Monte Moriá, onde, seguindo a ordem de Deus, ele foi oferecer o seu filho, Isaac, em sacrifício (Gênesis 22:1-12). Ora, isto era, na verdade, apenas um teste para ver se Abraão,

que tinha anteriormente mostrado falta de fé, obedeceria ao Senhor custasse o que custasse. Depois de ele ter passado o teste (vv. 11 e 12), o Senhor falou-lhe, dizendo: “Deveras te abençoarei e certamente te multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz” (vv. 17 e 18).

Efetivamente, Deus cumpriu a Sua promessa feita a Abraão, que se tornou no pai físico e “espiritual” da antiga nação hebraica, o povo que, apesar de miríades de falhanços, adorava e seguia o único Deus verdadeiro, *Yahweh*, enquanto as nações ao seu redor adoravam falsos deuses.

Esses falsos deuses eram, na verdade, demónios. Moisés, falando com o povo de Deus (a mulher), disse sobre os pagãos: “Sacrifícios ofereceram aos demónios, não a Deus; a deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais” (Deuteronomio 32:17).



Cristo é o verdadeiro Descendente e todos os que estão em Cristo, Judeus ou Gentios, são também descendentes de Abraão.

Milênios mais tarde, dirigindo-se também ao povo de Deus (a mulher), a Bíblia acrescentou: “Antes, digo que as coisas que eles sacrificam é a demônios que as sacrificam e não a Deus” (I Coríntios 10:20).

Muito do Antigo Testamento é a história do povo hebreu, a descendência da mulher, que, embrenhado no grande conflito entre Cristo e Satanás, procurou manter vivo o conhecimento do verdadeiro Deus num mundo que não O conhecia. Não há dúvida, o grosso da história bíblica mostra o falhanço da nação hebreia quanto a seguir o Senhor como era seu dever. Mas o seu falhanço não eliminou dois pontos cruciais.

Primeiro, a nação hebreia, esta descendência da mulher, tinha mais luz, mais verdade, do que qualquer outra nação ao seu redor, porque eles adoravam o verdadeiro Deus, o Criador. Os deuses pagãos não passavam de ídolos. Como escreveu um dos profetas hebreus: “Acaso, haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover? Ou podem os céus de si mesmos dar chuvas? Não és tu somente, ó SENHOR, nosso Deus, o que fazes isto? Portanto, em ti esperáramos, pois tu fazes todas estas coisas” (Jeremias 14:22).

Segundo, e mais importante, do povo hebreu veio Jesus, o Messias, o

Salvador do mundo. De facto, a Bíblia explica o que significa “a descendência” do seguinte modo: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e o seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo” (Gálatas 3:16).

Cristo é o verdadeiro Descendente e todos os que estão em Cristo, Judeus ou Gentios, são também descendentes de Abraão. “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:28 e 29).

O remanescente da sua descendência

O Apocalipse, no contexto dos últimos dias, descreve novamente esta descendência – aqueles que estão em Cristo. Mas agora eles são “o remanescente da sua descendência”, isto é, o povo do tempo do fim que, fiel a Jesus, enfrenta a ira de Satanás, tal como tem enfrentado o fiel povo de Deus desde o Éden, onde o *protoevangelium* revelou pela primeira vez a inimizade que existiria entre ele e Satanás.

E agora como é que este “remanescente da sua descendência” é identificado? “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, *os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus*” (Apocalipse 12:17; ênfase acrescentada).

Os Mandamentos de Deus são, claro está, os Dez Mandamentos, que,



segundo a Bíblia, definem o que é o pecado. “Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei” (I João 3:4).

Identificar o remanescente como aqueles que guardam os Mandamentos e têm o testemunho de Jesus pode parecer uma descrição muito ampla. Afinal, que Cristão quer pecar? No entanto, esta identificação fica bastante restrita porque a maioria dos Cristãos, infelizmente, não guardam o quarto mandamento, que ordena a guarda do Sábado. “Lembra-te do dia de Sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o Sábado do SENHOR, teu Deus” (Êxodo 20:8-10; ênfase acrescentada).

Os Cristãos que se dão ao trabalho de guardar um “dia de descanso” usualmente guardam o domingo, um dia que não figura nos Dez Mandamentos. Assim, uma das marcas identificadoras do “remanescente da sua descendência” seria a guarda de *todos* os “mandamentos de Deus”, incluindo o quarto mandamento.

Além do mais, o significado de “testemunho de Jesus” é amplificado mais adiante em Apocalipse: “Adora

a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Apocalipse 19:10).

O “espírito de profecia” aponta para a manifestação do dom profético na Igreja. De facto, I Coríntios 12 indica o dom de profecia como um dos dons espirituais (veja o versículo 10). Então, segundo Apocalipse 12:17, a manifestação deste dom, descrito como sendo “o testemunho de Jesus”, é uma das marcas identificadoras deste “remanescente da sua semente” do tempo do fim.

Embora Deus tenha pessoas fiéis em todas as igrejas, Apocalipse 12:17 descreve um grupo específico de cren-tes que guarda todos os Mandamentos de Deus e que tem o dom de profecia presente no seu meio. Este grupo será o alvo especial da ira do diabo no tempo do fim. No entanto, estas pessoas estão seguras em Cristo e serão o instrumento de Deus para esmagar a cabeça da serpente, enquanto vivem “na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos” (Tito 1:2).

Os textos bíblicos citados são retirados da tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA).

Batismo e Ablução dos Pés: Mais do que Símbolos

A purificação do crente.



Kim Papaioannou
Teólogo

*Retirado da revista
Ministry de junho de 2025.*

A teologia adventista do sétimo dia define tanto o batismo como a ablução dos pés (“a ordenança da humildade”) como sendo símbolos.¹ No tocante aos símbolos, a essência real encontra-se não tanto nos próprios símbolos, mas nas realidades que eles representam.

O simbolismo é, sem dúvida, um aspeto integral tanto do batismo, como da ablução dos pés. Mas será que estes envolvem mais do que apenas simbolismo? No Novo Testamento ambas as ordenanças significam a limpeza do pecado. Elas tornam uma pessoa limpa. Essa dimensão, reconhecida na declaração de fé adventista, era muito mais pronunciada do que aquilo que os Cristãos hoje compreendem.

Para se obter uma melhor compreensão do contexto original de ambas as práticas, iremos (a) explorar as atitudes judaicas para com a pureza ritual no primeiro século; (b) examinar certos incidentes neotestamentários na vida de Jesus, bem como (c) incidentes na Igreja Primitiva em que a pureza ritual forma um importante pano de fundo, e (d) ver como a linguagem do Novo Testamento sobre o batismo e a ablução dos pés destaca a função de purificação de ambas as ordenanças. Encerraremos o nosso estudo com algumas observações para o nosso cenário moderno.

Atitudes judaicas para com a pureza ritual

Para os Cristãos do século XXI, a ideia de pureza ritual soa de um modo estranho, embora não tanto para aqueles que já viveram num país muçulmano.

Mas, para os Judeus do primeiro século, era de suprema importância.

Eles alcançavam a pureza ritual através de três práticas (uma pirâmide de pureza) que garantiam que a pessoa estivesse sempre limpa. De longe, a mais importante, era a circuncisão. Os rabinos consideravam esta o maior sacrifício, o sacrifício feito na própria carne.² Assim, ela tornava uma pessoa limpa, enquanto os incircuncisos eram impuros.

A pirâmide da pureza



Paulo faz uma referência velada a isto quando declara: “Nós somos judeus, por natureza, e não pecadores dentre os gentios” (Gálatas 2:15).³ A frase “por natureza” neste versículo é a tradução da expressão grega *phusei*, que descreve o estatuto natural de uma pessoa recebido por meio da circuncisão. Portanto, Paulo contrasta os Gentios, que são “pecadores” (incircuncisos/impuros), com os Judeus circuncidados, que já não o são. O apóstolo não aprova esta perspectiva, mas simplesmente reconhece-a. Ele passa então a oferecer uma alternativa, que exploraremos mais adiante.

Seguindo-se em importância vinham os sacrifícios. Eles eram difi-



ceis de realizar, especialmente para os Judeus que viviam na diáspora. Eles eram usualmente oferecidos durante as peregrinações agendadas, porque queriam que se viajasse até Jerusalém.

No terceiro nível da pirâmide estavam as abluções rituais. A mais importante destas era o *mikveh*: Mergulhar num reservatório de água. O batismo desenvolveu-se, muito provavelmente, a partir do *mikveh*.⁴ Sendo requerido dos prosélitos que aderiam à fé judaica, também estava disponível para os Judeus que queriam purificar-se.

Os *mikvaot* mais pequenos eram suficientes para uma pessoa. Piscinas mais amplas podiam acomodar mais

pessoas e tinham, frequentemente, duas escadas, uma servia para descer e outra para subir, de forma a impedir os indivíduos purificados que subiam da piscina de tocarem nos que desciam e que ainda estavam impuros. O *mikveh* mais famoso era a Piscina de Siloam, situada abaixo do Templo, onde os peregrinos se podiam purificar antes de subirem ao Templo.⁵

A ablução ritual das mãos (*niptô* ou *baptizô* no texto grego) era comum (Marcos 7:1-4) porque uma pessoa ritualmente limpa podia tocar acidentalmente numa pessoa ou numa coisa impura e assim tornar-se impura. Marcos acrescenta: “E há muitas outras coisas que [os Judeus] receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal, e camas” (v. 4).

A circuncisão provia pureza estatutária, enquanto os sacrifícios e as abluções restauravam a pureza quando esta estava comprometida. Embora o conceito tivesse um fundamento bíblico, a tradição judaica tinha-o notoriamente embelezado.

A ablução ritual das mãos era comum porque uma pessoa ritualmente limpa podia tocar acidentalmente numa pessoa ou numa coisa impura e assim tornar-se impura.

Leis de pureza judaicas e o ministério de Jesus

Quando Jesus se oferece para visitar o lar de um centurião a fim de curar um servo, o oficial objeta porque não era “digno” (Lucas 7:6). Sendo um Romano, ele era incircunciso e, portanto, visto como impuro. Ciente da sensibilidade judaica (vv. 3-5), ele procura impedir que Jesus entre na sua casa.

Em Lucas 15:2 os Fariseus queixam-se de que Jesus “come” (*sunesthiô*) com pecadores. No entanto, eles não estavam preocupados com a poluição moral, mas com a poluição ritual. Os “pecadores” eram aqueles que não seguiam as leis de pureza, pelo que se ficava impuro através de uma interação social próxima.

Quando uma mulher pecadora ungiu os pés de Jesus, Simão, o Fariseu, raciocinou: “Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora” (Lucas 7:39). Simão não estava preo-

... Jesus comparou os Fariseus a túmulos – limpos por fora, mas cheios de impureza por dentro. Assim, Ele tornou claro que a pureza interior, moral, é muito mais importante do a pureza ritual, exterior.

cupado com a imoralidade, pois esta não podia ser transferida pelo toque. Mas a poluição ritual podia, ou pelo menos era isso que os rabinos ensinavam. Daí o silogismo de Simão.

Durante o julgamento de Jesus, os Judeus não queriam entrar na sala de audiência de Pilatos porque, se o fizessem, ficariam ritualmente impuros e isso incapacitá-los-ia para participarem na refeição da Páscoa (João 18:28).

Mostrando pouca consideração por estas tradições, Jesus comparou os



Fariseus a túmulos – limpos por fora, mas cheios de impureza por dentro (Mateus 23:27). Assim, Ele tornou claro que a pureza interior, moral, é muito mais importante do que a pureza ritual, exterior.

Leis de pureza judaicas e a Igreja Primitiva

A Igreja, nos seus primeiros anos, não tinha a mesma clareza teológica que Jesus. Quando foi convidado para a casa de Cornélio, Pedro hesitou: “Vós bem sabeis que não é lícito, a um varão judeu, ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros” (Atos 10:28). Para o convencer do contrário, Deus mostrou-lhe uma visão de um lençol com “*toda a sorte* de quadrupedes” (v. 12; ênfase acrescentada) – isto é, tanto puros como impuros.

Quando lhe foi dito que comesse, Pedro responde: “De modo nenhum Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda” (v. 14). A palavra “imunda” refere-se a animais proibidos por Deus (Levítico 11:1-47). “Comum” aplicava-se a animais que eram puros segundo Levítico 11, mas eram considerados contaminados ou comuns pelo pensamento rabínico por causa da sua proximidade com algo impuro.

“Ao que Deus purificou não consideres comum” (v. 15), explica o anjo. Este nunca diz a Pedro para comer animais impuros, mas apenas aqueles que são puros, e que a tradição rabínica declarava contaminados ou comuns. A visão convence Pedro a visitar Cornélio, percebendo que não será contaminado por ele.

Depois do incidente, os Judeus Cristãos confrontaram Pedro: “Entraste em casa de homens incircuncisos e comeste [*sunesthiô*] com eles” (Atos 11:3). É a mesma acusação que fora dirigida a Jesus quando Ele comia com pecadores.

Pedro explica mais tarde: “[Deus] não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes [*katharizô*] pela fé o coração” (Atos 15:9). “Purificou” é um termo ritual. Os Judeus Cristãos tinham-se queixado de que Pedro tinha comido com incircuncisos (*i.e.*, impuros). Mas Pedro responde que Deus tinha “purificado” os incircuncisos mediante a fé.

A purificação que Deus provê é muitíssimo maior do que aquela provida pela circuncisão. Ela leva Pedro a pronunciar uma declaração que é (para um Judeu) muito profunda: “Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram” (Atos 15:11). Embora os Gentios não precisassem da purificação que se pensava que a circuncisão oferecia, os Judeus necessitavam efetivamente da purificação que Deus provê através da fé.

Paulo e Pedro enfrentaram uma acusação semelhante em Antioquia. Apesar da nobre reação de Pedro no incidente que envolveu Cornélio, aqui ele hesita: “[Pedro] comia com os gentios; quando, porém, chegaram [os homens vindos de Tiago], afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão” (Gálatas 2:12). “Os da circuncisão” eram Judeus Cristãos que ainda pensavam que a circuncisão conferia pureza ritual. A questão em Antioquia não era *o que* Pedro e Paulo

estavam a comer, como alguns teólogos supõem erradamente, mas era o facto de os circuncidados estarem a comer com os incircuncisos. Embora Pedro tenha cedido à pressão, Paulo ficou firme.

Paulo declara que os crentes são justificados pela fé (Gálatas 2:16). A palavra “justificados” tem a mesma força que a palavra “purificados”. A diferença é que “justificados” é um termo legal, enquanto que “purificados” é um termo ritual. Como Pedro em Atos 15:9-11, Paulo enfatiza o facto de que a verdadeira pureza desponta da fé em Jesus, não da circuncisão, dos sacrifícios e das abluções rituais.

O batismo e a ablução dos pés como ordenanças de purificação

É no pano de fundo deste cenário que o Novo Testamento apresenta o batismo e a ablução dos pés. Quando Ananias visita Paulo, imediatamente após a experiência na estrada de Damasco, ele diz-lhe: “Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele” (Atos 22:16). Aos Efésios, Paulo declara: “Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra” (Efésios 5:25 e 26). Paulo chama ao batismo “o lavar regenerador” (Tito 3:5). E Hebreus 10:22 intima-nos a aproximarmo-nos de Deus “tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.”

As palavras “lavar/lavagem”, “limpo/limpeza” e “puro” têm conotações



rituais. Os apóstolos usaram linguagem ritual para desenvolver a teologia do batismo. De facto, as palavras gregas *baptizô*/*baptismos* são também usadas para designar as abluções rituais (e.g., Marcos 7:3 e 4). Os apóstolos compreendiam o batismo como um rito de purificação.

Mais importantes são as palavras de Jesus na Santa Ceia. Quando Ele procura lavar os pés de Pedro, o discípulo inicialmente recusa. “Se eu não te lavar, não tens parte comigo”,

Os sacrifícios e as abluções rituais já não são necessários porque o batismo e a ablução dos pés tornarão uma pessoa limpa de uma forma contínua.



responde Jesus (João 13:8). É extremamente improvável que Ele excluísse Pedro por este recusar participar numa ordenança de humildade. Aqui está muito mais em jogo. A questão em jogo é a pureza. Se Pedro não tiver os seus pés lavados, ele permanece impuro. É uma impureza tal que o pode impedir de estar na presença de Jesus. Pedro concorda imediatamente com a ablução dos pés.

Jesus faz então a seguinte espantosa declaração: “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo” (João 13:10). Jesus usa aqui linguagem ligada aos ritos de purificação. Uma pessoa que se banhou – isto é, que foi batizada – tem pureza estatutária, está limpa – tão limpa como, na opinião dos Judeus, uma pessoa circuncidada, e até mesmo mais limpa. O que agora é necessário é a ablução dos pés para restaurar a pureza, no caso de esta ter sido comprometida. Os sacrifícios e as

abluções rituais já não são necessários porque o batismo e a ablução dos pés tornarão uma pessoa limpa de uma forma contínua.

Jesus acrescenta ainda: “Ora, vós estais limpos, mas não todos” (João 13:10). Embora Judas fosse, provavelmente, batizado (João 3:22; 41:2) e tivesse os seus pés lavados, ainda assim ele não estava limpo porque o seu coração permanecia impuro. As ordenanças de purificação são eficazes apenas numa pessoa que crê, que foi purificada no coração.

Limpeza

Vimos que o Judaísmo do primeiro século estava obcecado com a pureza ritual. Ele obtinha-a por uma série de ritos: A circuncisão, que provia pureza estatutária, e os sacrifícios e as abluções rituais, que restauravam a pureza quando ocorria uma profanação circunstancial.

A Igreja Primitiva debateu-se com este tópico. Por um lado, os Judeus Cristãos queriam dar continuidade aos ritos de purificação. Por outro lado, os apóstolos perceberam que a verdadeira pureza advém do sacrifício purificador de Jesus.

Tanto Jesus como os apóstolos compreenderam o batismo e a ablução dos pés como ordenanças de purificação e manifestações externas de uma fé interior, ao ponto de Jesus ter avisado Pedro de que ele podia ser excluído da Sua presença se recusasse a ablução dos pés. É a fé interior, juntamente com as ordenanças exteriores, que declaram uma pessoa pura perante Deus (João 3:3, 5).



Quais são as implicações para os Cristãos, hoje? Algumas Igrejas Protestantes não praticam o batismo por imersão ou veem-no como tendo uma importância secundária, considerando-o meramente como um rito exter-

no com pouco peso. O que importa é a fé. A maior parte dos Cristãos não pratica a ablução dos pés. Em contraste com isto, a Igreja Adventista está certa em ver ambas as ordenanças como partes integrais da vida de um crente.

O que podemos ter de repensar é a nossa terminologia. Embora ambas as ordenanças simbolizem realidades interiores, elas são mais do que meros símbolos. Elas são ordenanças de purificação. Uma pessoa crente que é batizada não só obtém o estatuto de membro na Igreja Adventista do Sétimo Dia, como também é formalmente declarada limpa na presença de Deus. E, embora possamos pedir perdão cada dia nas nossas orações, e tal nos seja concedido, a ablução dos pés funciona como um evento formal que declara que estamos novamente limpos de qualquer profanação circunstancial, que estamos novamente na presença de Deus.

As duas ordenanças, manifestações externas de uma fé interior compreendida no contexto do Novo Testamento, garantem o nosso contínuo estatuto enquanto crentes limpos diante de Deus.

¹ “O batismo é um símbolo da nossa união com Cristo.” *What Adventists Believe About Baptism*, Igreja Adventista do Sétimo Dia, acessado em 28 de abril de 2025: <https://www.adventist.org/baptism/>. “A ablução dos pés simboliza ... o exemplo humilde e servicial que Ele deu.” *What Adventists Believe About the Belief and Practice of the Lord's Supper*, Igreja Adventista do Sétimo Dia, acessado em 28 de abril de 2025, <https://www.adventist.org/the-lords-supper/>.

² E. g., *Ned.* 31; *t. Ber.* 6:18; *b. Sabb.* 135a; *b. Yebam* 71a; *Midrash Tanhuma Vayera* 2.5; *Pirke R. El.* 10.10; 29.2; 29.11, 12. Cf. Elias J. Bickerman, *Studies in Jewish and Christian History: A New Edition in English Including the God of the Maccabees* (Leiden: Brill, 2007), 1:4 e 5.

³ A tradução bíblica usada é a *Almeida Revista e Atualizada (ARA)*.

⁴ Veja, por exemplo, Barry Fike, *Mikveh: The Relationship of Jewish Ritual Immersion and Christian Baptism* (Santa Ana, CA: Trilogy Christian Publishing, 2023).

⁵ Há duas possibilidades de identificação da Piscina de Siloam em Jerusalém. Desde que foi descoberta, no século XIX, a Piscina de Silwan foi tomada por muitos como sendo a Piscina de Siloam. Mais recentemente, Birkat El-Hamra, estando a ser escavada desde 2004, tem sido considerada como a verdadeira localização da Piscina de Siloam. Veja-se Nathan Steinmeyer, “Rethinking the Pool of Siloam”, *Biblical Archaeology Society*, 15 de janeiro de 2024; e Lora Gilb, “Significant Progress in the Biblical Pool of Siloam Excavation”, *Patterns of Evidence*, 22 de setembro de 2023.

An aerial photograph of a volcanic crater, likely in the Azores. The crater is filled with a vibrant turquoise lake. The surrounding slopes are covered in dense green forest. In the background, more rugged volcanic peaks are visible under a clear sky. The lighting suggests a bright, sunny day, casting shadows that emphasize the topography.

Um Folheto, 2790 Batismos

O poder missionário da
literatura adventista.

Paul Damazo e
Norma Winders

*Retirado da
Adventist Review
de janeiro de 2025.*

“Mamã, olha o que eu encontrei no jardim”, exclamou a pequena Cristina, de quatro anos, enquanto corria vinda do jardim e entrava de rompante na cozinha da sua mãe. Ela deu um pequeno folheto à mãe. Maria Cordeiro pegou no colorido pedaço de papel das mãos da sua filha e olhou-o de relance. Imediatamente saltaram-lhe à vista as seguintes palavras naquela página: “Confesse os seus pecados apenas a Deus.” Ela e a sua família eram crentes devotados à sua fé e considerou tal declaração uma heresia. Não podia ser apanhada a ler tal literatura. “Nós confessamos os nossos pecados apenas ao Padre”, disse ela para si mesma. Rapidamente escondeu o folheto numa gaveta e prosseguiu nas suas lides domésticas, tentando esquecer o que tinha acabado de ler.

Estávamos em 1899, numa cidade chamada Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores, Portugal, quando a pequena Cristina encontrou aquele folheto. O folheto permaneceu guardado no seu esconderijo, na gaveta da cómoda de Maria, e a família continuou a frequentar a

Missa todos os domingos e a confessar os seus pecados ao Padre. Mas as ideias daquele folheto, que Maria tinha guardado no fundo da sua mente, continuavam a assombrá-la – sobre a confissão e sobre o Sábado.

Em 1902, a ambiciosa Maria e o seu marido, José, fizeram planos de ir para os Estados Unidos da América, onde a família teria a possibilidade de viver uma vida melhor. Cristina, que agora tinha sete anos, estabeleceu-se com a sua família em Taunton, Massachusetts. Tudo era tão diferente da vida em Ponta Delgada, exceto o facto de a sua família poder continuar a adorar numa comunidade da sua fé perto de casa.

Numa tarde de verão, José viu uma grande tenda a ser montada do outro lado da rua da sua igreja. Ele não pôde deixar de observar e de se interrogar. O Padre também estava a observar e a interrogar-se. José mal podia esperar para contar a Maria. “Finalmente descobri o que se passa naquela grande tenda”, disse ele entusiasmado. “Eles estão a realizar ali reuniões sobre a Bíblia.” O Padre não veria com bons



Quando as reuniões na tenda terminaram, José e Maria foram batizados na Igreja Adventista do Sétimo Dia. À medida que os cinco filhos da família cresceram, também foram batizados.

olhos a sua comparência mas, quando Maria recebeu um postal no correio, verificou as datas anunciadas. “Hoje é a primeira reunião”, anunciou ela. “Começa às 19:00 horas.”

Com as crianças lavadas e vestidas, a família dirigiu-se para participar na primeira de dez reuniões na tenda. Enquanto escutavam a mensagem, não demorou muito para que Maria reconhecesse que a “heresia” que ela tinha lido há tanto tempo naquele folheto soava de modo semelhante ao que estava a ouvir nas reuniões noturnas. A voz do Espírito Santo foi ainda mais forte do que os avisos do Padre local. Quando as reuniões na tenda terminaram, José e Maria foram batizados na Igreja Adventista do Sétimo Dia. À medida que os cinco filhos da família cresceram, também foram batizados.

Com 16 anos, em 1911, Cristina foi batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia em Taunton, Massachusetts. Num dado Sábado, Cristina olhou para o outro lado do corredor da igreja e notou um jovem solitário. Cristina rapidamente se virou para a

sua mãe e sussurrou: “Mamã, estás a ver aquele jovem ali sentado? Poderias convidá-lo para almoçar na nossa casa?” Cristina estava sempre atenta quando vinham visitas para adorar na sua igreja. Aquela tarde acabou por se tornar memorável. Quão memorável? Vamos fazer uma pequena digressão para descobrirmos mais sobre este jovem, que parece ter captado a atenção da jovem Cristina.

Um Percurso Sinuoso

Francisco de Souza Damazio nasceu, dia 1 de março de 1891, na vila de Água de Pau, em São Miguel, Açores, Portugal. A sua família foi abençoada com 15 filhos, sendo Francisco o mais velho. Aos doze anos, ele foi colocado à tutela do seu tio José, que o traria para os Estados Unidos da América, com o objetivo de trabalhar e enviar o dinheiro ganho à sua família nos Açores. Francisco tentou encarar o seu futuro desconhecido com maturidade, embora fosse apenas uma criança.

Durante a viagem de nove dias de travessia do Atlântico, Francisco ficou a saber que viveria com outro tio em Lodi, na Califórnia: O tio Luís. Francisco deveria trabalhar como agricultor, em troca de alojamento, de alimentação e de um pequeno ordenado. Havia emoção no ar na manhã da sua chegada ao porto de Nova Iorque e, depois, à ilha de Ellis. Francisco e o tio Luís foram-se esgueirando e abrindo passagem na multidão para verem a Estátua da Liberdade.

Eles passaram a primeira noite em Nova Iorque, tendo depois apanhado um comboio que os levaria, ao

longo de muitos quilómetros, até ao seu destino final na Califórnia. Não demorou muito até que Francisco conhecesse a dura autoridade do Tio Luís, que não sentia qualquer compaixão por ele. Francisco deitava-se na cama à noite com o seu rosário e orava por um milagre. Ele ficou muito doente por causa do trabalho em excesso e da má nutrição. Estava desesperado por encontrar socorro.

O socorro veio através da família Mead, que vivia numa quinta vizinha e visitava o tio Luís habitualmente. Não demorou muito tempo para os Mead perceberem que Francisco estava a ser maltratado e explorado pelo seu tio Luís. Foi traçado um plano: Francisco colocou as suas poucas posses, juntamente com o seu precioso rosário, num saco, subiu para a carroça do senhor Mead e nunca mais olhou para trás.

Ele encontrou carinho e nutrição junto da família Mead. A rotina no lar dos Mead era muito diferente daquilo que ele conhecera ao crescer com os seus 14 irmãos num lar religioso devoto. Os Mead, sendo Adventistas do Sétimo Dia, começavam cada manhã com oração e terminavam o dia com oração e histórias bíblicas. As orações que ele ouvia por parte da família soavam mais a uma conversa com uma pessoa invisível. “Por que não oram com o rosário?”, perguntou Francisco? Esta foi apenas a primeira de muitas perguntas que fluíram dos lábios e do coração do jovem Francisco, à medida que ia aprendendo mais sobre a Bíblia.

Ele trabalhou duramente nesse verão; aprendeu a língua inglesa; e co-



meçou a usar o equivalente americano do seu nome de família – Damazo. Passou a ser orgulhosamente conhecido como Frank Souza Damazo. Aos 16 anos, compreendeu que tinha chegado o momento de completar a sua educação. Os Mead tinham-lhe dado um excelente fundamento para a sua vida futura.

Em 1909, com 17 anos, Frank Souza Damazo inscreveu-se na *Pacific Union College Academy*. Ali ele aprendeu a arte da lavoura, foi-lhe ensinado o valor do dinheiro, técnicas de venda e o valor de um dia de trabalho honesto. A sua ética de trabalho e a sua mente brilhante foram notadas pelos professores, pelo que lhe foi atribuído o trabalho de conduzir a prestigiosa carroça de entregas da escola.

A I Guerra Mundial rebentou durante o verão de 1914 e, logo após ter completado a sua formação académi-

ca, Frank foi alistado. Assim, a 11 de novembro de 1918, ele encontrava-se num longo comboio que se deslocava rumo a Nova Iorque e daí ao campo de batalha. No entanto, numa paragem em Indiana, ele recebeu a excelente notícia de que a guerra tinha terminado! Cada um dos homens recebeu 200 dólares para poder regressar a casa.

Num jantar de Sábado

Frank pegou nos seus 200 dólares e apanhou o comboio para Bristol, Rhode Island, onde surpreendeu as suas duas irmãs com uma visita inesperada. As suas irmãs abraçaram-no e abraçaram também as suas novas crenças adventistas. Elas ajudaram-no a localizar uma congregação de língua portuguesa, onde veio a encontrar a família de Cristina naquela manhã de Sábado!

Foi ao redor da mesa de jantar, naquele Sábado ao final do dia, que o jovem Frank e a jovem Cristina partilharam a história da respetiva vida, admirados com as semelhanças nos seus percursos de vida até àquele momento. Floresceu uma amizade, que cresceu até se transformar em amor e em casamento. A família Damazo, incluindo o Papá e a Mamã, como lhe chamavam os seus dez filhos e filhas, nunca deixaram de frequentar a Escola Sabatina e a igreja aos Sábados, tal como não deixaram de respirar, de comer ou de dormir.

O Papá foi um ganhador de almas desde o primeiro dia. Ele começou o seu negócio e ao mesmo tempo começou a testemunhar aos seus clientes. Por sua vez, isto levou a reuniões de pequenos grupos no seu lar,

nas quais ele estudava com um grupo de 10 a 20 clientes. Com a ajuda dos filhos, o Papá dava estudos bíblicos, que resultaram, graças à direção do Espírito Santo, em várias centenas de batismos. O filho mais velho do Papá e da Mamã, Joseph, tornou-se Pastor. Também ele se regozijou por testemunhar mais de 1000 batismos no seu ministério. Os dez filhos e filhas do Papá e da Mamã foram todos ativos na igreja e na conquista de almas. Atualmente apenas quatro dos dez filhos e filhas estão vivos. Eles ainda partilham o amor do Papá pela conquista de almas.

Incrivelmente, realizaram-se, pelo menos, 2790 batismos como resultado daquele pequeno folheto que Cristina descobriu no seu jardim há tantas décadas.

O trabalho evangelístico nos Açores só começou em 1931, quando um colportor foi vender literatura adventista no arquipélago. Por essa altura, tanto Frank como Cristina já tinham deixado a ilha de São Miguel. O primeiro contato de Cristina com o Adventismo é atribuível ao esforço de alguém que nunca viu o fruto do seu labor missionário. “Muito recentemente, em 1892, G. R. Drew, de Inglaterra, reportou ter enviado publicações por navio para a ilha de São Miguel, nos Açores. Não se conhecem resultados daí derivados.”¹ O Irmão Drew ficará surpreendido e sentir-se-á abençoado quando souber do resto da história ao chegar ao Céu!

¹

Review and Herald, 12 de abril de 1892, p. 230.



Michael W. Campbell
Historiador

*Retirado da revista Adventist
World de junho de 2024.*

A Reunião Campal de Wright

**Uma concretização
dos nossos pioneiros.**

1868 foi um ano decisivo para a nascente Igreja Adventista do Sétimo Dia.¹ Basta considerar a seguinte perspectiva: A Conferência Geral tinha sido organizada há apenas cinco anos e tinha passado apenas uma década desde que Ellen G. White tinha recebido a decisiva visão do Grande Conflito. Agora, entre 1 e 7 de setembro de 1868, cerca de 200 a 300 indivíduos reuniam-se para realizar a primeira “Reunião Campal” oficial que abrangia toda a Denominação. Realizada na quinta de Ephraim H. Root (1828-1906), que vivia em Wright, Michigan, a ideia de se promover tais reuniões certamente não era nova ou singular para estes pioneiros da Igreja, mas eles preocuparam-se se esta reunião realmente teria êxito em satisfazer as suas necessidades espirituais e o seu desejo de partilhar a sua fé.

Começos

Muitos dos que estavam vivos na década de 1860 estariam familiarizados com as Reuniões Campais, especialmente no contexto do Reavivamento Millerita da década de 1840. William Miller (1782-1849) notara como tais reuniões, a começar pela de junho de 1842 em East Kingston, New Hampshire, contribuíam para reavivamentos espirituais relevantes.² Os Adventistas milleritas em 1840 refletiam sobre como estas reuniões despertavam “um interesse geral sobre o tema da breve vinda do Senhor, e sobre as doutrinas associadas, pelo que as nossas reuniões campais têm tido uma importância incalculável e, em muitos casos, têm alcançado resultados muito bons.”³

No entanto, as reuniões campais remontam a tempos muito mais recuados. Os reavivamentos ao ar livre realizados durante o Grande Despertar transatlântico foram certamente precursores das reuniões campais. Estes reavivamentos ocorreram por causa da imigração para a América colonial, onde tais tradições e práticas foram adaptadas e apropriadas sob formas novas e criativas. A precursora mais importante das reuniões campais foi a prática da Igreja Presbiteriana escocesa de promover a reunião dos crentes para ouvirem sermões apelando ao arrependimento e para celebrarem a Santa Ceia. Estes reavivamentos no fim do século XVIII e princípio do século XIX continuaram sob a forma do Segundo Grande Despertar, particularmente na região de fronteira dos Estados Unidos da América. À medida que o revivalismo se tornou cada vez mais popular e democrático, isto contribuiu para uma maior ênfase na experiência emocional pessoal à custa do intelecto, pelo que as reuniões campais se tornaram uma componente chave nestes reavivamentos em curso.

A inovação específica da reunião campal nos Estados Unidos da América é geralmente atribuída a uma série de reuniões no Kentucky rural em 1800. Um frequentador, Barton W. Stone (1772-1844), organizou, no ano seguinte, uma das maiores reuniões campais da época, que foi realizada em Cane Ridge, Kentucky, em 1801. Foi dito na época que alguns tinham vindo por razões religiosas, mas outros vieram para jogar e causar problemas. Vários membros do clero da Igreja Ba-

tista e da Igreja Metodista uniram-se na pregação. Enquanto o clero fazia apelos emotivos para o arrependimento e para a renovação espiritual, alguns na congregação riam e outros choravam. A reunião durou uma semana e, em breve, muitos outros realizaram reuniões semelhantes, que se espalharam pelos Estados Unidos da América. Charles Finney tornou-se famoso por popularizar o apelo para que as pessoas viessem à frente a fim de se sentarem no “banco dos ansiosos” durante estes reavivamentos.

A ampla popularidade das reuniões campais, incluindo o seu uso pelos Milleritas durante a primeira metade da década de 1840, fez com que os primeiros Adventistas Sabatistas começassem a considerar se isto não seria algo que eles pudessem usar para partilhar as suas convicções religiosas. Alguns expressaram preocupação com os excessos religiosos que, por vezes, caracterizavam tais reuniões. Alguns até foram da opinião que, se os Adventistas realizassem tais reuniões, seria “um erro terrível, um passo para trás”. No entanto, os líderes da Igreja acabaram por sentir que valia a pena correr o risco de tentar. Os líderes da Igreja tinham começado a usar grandes tendas para a realização de campai-

O sucesso inicial encorajou-os a avançar para a realização da primeira reunião campal oficial de amplitude denominacional.

nhas evangelísticas. Por volta de 1867, uma série de pequenas reuniões campais regionais no Iowa, no Québec e no Wisconsin demonstraram eficazmente como reuniões localizadas podiam unir os membros de igreja e ajudar a dirigir os esforços missionários da Igreja. James e Ellen G. White até estiveram presentes na reunião campal de Wisconsin, onde houve uma frequência estimada de 1200 pessoas.

Tentando-o em Wright

O sucesso inicial encorajou-os a avançar para a realização da primeira reunião campal oficial de amplitude denominacional. Isto foi amplamente visto pelos líderes da Igreja, especialmente James e Ellen G. White, como um evento significativo e histórico. A Assembleia da Conferência Geral de 1868 discutiu como eles poderiam realizar “uma reunião campal para todo o campo”.⁴ Enquanto deliberavam, Ephraim Root ofereceu a sua quinta para ser o local da proposta reunião campal, seguindo o modelo das anteriores reuniões campais milleritas. A reunião de amplitude denominacional serviria dois propósitos: Ser uma fonte de “bem espiritual” e ser um meio de “propagação das nossas ideias entre o povo”.⁵ Esta “reunião geral” ocorreria perto da cidade de Wright, um “campo novo”, proporcionando novas oportunidades para se partilhar a fé adventista.⁶ Esta reunião acabaria por ser considerada a primeira reunião campal *oficial* e de *amplitude denominacional*. Uriah Smith, o editor da *Review*, considerou-a com sendo “a maior, a mais importante e, de longe, a melhor reunião alguma vez realiza-



Ellen G. White, no encontro campal de Eagle Lake, Minnesota, junho de 1875.

da por Adventistas do Sétimo Dia” até aquele ano.⁷

O Bosque dos Áceres ou “Arvoredo de Açúcar” da quinta dos Root foi considerado uma localização ideal porque tinha tanto terra suficiente, como recursos adequados. A disposição do acampamento foi descrita por J. O. Corliss como “muito primitiva”.⁸ Os alojamentos constituíam-se de cortes de panos de fábrica unidos por costuras e espalhados sobre postes. As extremidades foram presas com pregos a postes erigidos ou a ramos de árvore cortados para esta ocasião. Foram erigidas 22 tendas improvisadas num círculo. Cada tenda representava uma pequena igreja ou um grupo de famílias, podendo acolher entre 12 a 20 pessoas. Tal como recordou um participante, James White acordava cedo, fazia uma fogueira de campo e “preparava uma caldeira de papas de aveia quentes para todo o acampamento”. Com “voz retumbante”, ele convida-

da “todos para se aproximarem e se servirem”.⁹ Infelizmente, apenas uma tenda – a tenda de Olcott, Nova Iorque, a igreja de J. N. Andrews – tinha uma lona de cobertura à prova de água (“uma lona de algodão”). Depois de chover, isso convenceu os outros participantes de que, em futuras reuniões campais, lonas à prova de água eram um requisito essencial. James White tinha inicialmente incentivado os participantes a obterem uma simples sarja de algodão, a fim de que, caso o empreendimento não corresse bem, os participantes pudessem, ainda assim, usar o material para fazer macacões ou capas. O sucesso da reunião campal revelou que a Igreja necessitava de investir em tendas adequadas para dormir que fossem impermeáveis.

Algumas das tendas tinham dezoito metros de diâmetro. Estas grandes tendas tornar-se-iam uma característica das primeiras reuniões campais e das reuniões campais pos-

teriores. As tendas eram montadas “como medida preventiva contra a possibilidade de mau tempo”. A primeira tenda foi montada para guardar palha, que era usada para fazer camas ou para alimentar os cavalos.¹⁰ Uma segunda tenda era reservada para uso dos campistas e reservada como lugar de reunião caso chovesse. Felizmente,

maiores nas extremidades do acampamento para aquecer os friorentos”.¹¹

A reunião campal de Wright em 1868 incluía uma livraria adventista primitiva – uma simples estante que estava colocada na entrada do acampamento. Três pranchas de quatro metros foram colocadas em triângulo entre as árvores. Estas pranchas com



o tempo esteve sempre agradável, pelo que a pregação foi realizada ao ar livre. O púlpito era uma estrutura simples, coberta toscamente e feita de tábuas de madeira. A audiência estava sentada em tábuas rústicas assentes em troncos retirados das árvores vizinhas (faías ou áceres). “O acampamento estava iluminado com fogueiras”, escreveu A. W. Spalding, “acesas em caixas cheias de terra que estavam elevadas em postes; e havia também fogueiras

quatro metros proporcionavam o espaço suficiente para expor um sortido de folhetos, revistas e livros da Associação Publicadora Adventista do Sétimo Dia. Como vendedor estava um jovem Ministro aspirante, E. R. Palmer, que se tornaria um trabalhador vitalício na obra de publicações adventista, e John O. Corliss, que serviria como pregador e missionário. Juntos, eles venderam mais de 600 dólares de livros e de folhetos.”¹²

Durante a década de 1870, foram realizadas entre cinco e 15 reuniões campais anualmente, por todo os Estados Unidos da América.

As reuniões campais proliferam

Segundo M. E. Olsen (1873-1952), o sucesso da reunião campal de Wright levou à proliferação de reuniões campais na Igreja Adventista do Sétimo Dia.¹³ Foram realizadas reuniões campais mais tarde, nesse ano, em Clyde, Illinois (23-30 de setembro), e em Pilot Grove, Iowa (2-7 de outubro). No ano seguinte, a Conferência Geral recomendou que as Associações Estaduais organizassem todas as futuras reuniões campais. Assim, seriam realizadas seis reuniões campais em 1869. À medida que as reuniões campais se tornaram cada vez mais populares, tornou-se comum partilhar sugestões sobre como ter a melhor experiência possível em tais eventos. Tais sugestões incluíam mesmo detalhes práticos, como instruções para se fazer a sua tenda de reunião campal.¹⁴ James e Ellen G. White viajaram para tantas reuniões campais que James achou prático publicar as necessidades de roupa de cama para a sua família na revista da Denominação.¹⁵

Durante a década de 1870, foram realizadas entre cinco e 15 reuniões campais anualmente, por todo os Estados Unidos da América. As reuniões campais tornaram-se num me-

canismo para reunir crentes separados geograficamente, de forma a trabalharem na obra missionária, adorarem juntos e realizarem reuniões evangelísticas. Frequentemente, as Associações e as entidades denominacionais com elas relacionadas, como as sociedades missionárias, em conjugação com estas reuniões campais, realizavam as suas reuniões anuais tendo em vista a organização do trabalho. Assim, as reuniões campais tornaram-se um importante evento que facilitava a organização e a administração da Igreja e proviam uma via conveniente para facilitar a missionação da comunidade, para reunir fundos financeiros e para reunir apoios para projetos denominacionais.

Com frequência, os tópicos dos sermões das reuniões campais eram preparados para atrair aqueles que pudessem estar curiosos ou que pudessem ter perguntas sobre assuntos espirituais. As pregações de Ellen G. White nas reuniões campais eram frequentemente sobre temperança. Ela também era uma revivalista eficaz, e, por vezes, chamava os ouvintes à frente para uma oração. Numa destas reuniões campais, realizadas em 1874, Ellen White mostrou a “sua eloquência e as suas capacidades persuasoras” ao “implorar que os pecadores fugissem dos seus pecados”. Segundo Uriah Smith, durante o apelo que ela fez “provavelmente 300 pessoas vieram à frente em busca de oração, parecendo que tinham voltado os primeiros dias do Metodismo”.¹⁶ Noutra ocasião, numa reunião campal em 1876, realizada em Groveland, Massachusetts, cerca



Ellen G. White no encontro campal de Moss, Noruega, junho de 1887.

Foto: Ellen G. White Estate

de 4000 pessoas vieram ouvi-la falar sobre temperança.¹⁷ Foi em reuniões campais que, Ellen G. White e outros pregadores adventistas, reuniram as maiores multidões de ouvintes, ao longo da sua vida. À medida que o Adventismo se espalhou através dos Estados Unidos da América e para além deles, os Adventistas continuaram a realizar reuniões campais. A primeira reunião campal na Costa Oeste

ocorreu em Windsor, Califórnia, em outubro de 1872. A primeira reunião campal realizada no Canadá ocorreu em Magog, Québec, entre 21 e 26 de agosto de 1879, e foi organizada por A. C. Bourdeau (1834-1916) e por G. I. Butler (1834-1918). No geral, as reuniões campais permaneceram um modo consistente de solidificar a identidade adventista, à medida que o Adventismo se espalhava.

1

Para um tratamento extenso e detalhado das “Reuniões Campais” na história adventista, veja o meu artigo sobre este tópico na *Encyclopedia of Seventh-day Adventists*.

2

Sylvester Bliss e Apollos Hale, *Memoirs of William Miller, Generally Known as a Lecturer on the Prophecies, and the Second Coming of Christ* (Boston: Joshua V. Himes, 1853), pp. 164 e 165.

3

Idem, p. 306.

4

Arthur W. Spalding, *Captains of the Host* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1949), p. 354.

5

Veja a nota do editor em *Review and Herald*, 11 de agosto de 1868, p. 128.

6

“General Camp-meeting”, *Review and Herald*, 11 de agosto de 1868, p. 128.

7

Tal como citado por William C. White, “Sketches and Memories of James and Ellen G. White: XLVIII – The First General Camp

Meeting”, *Review and Herald*, 11 de março de 1937, p. 4.

8

J. O. Corliss, como citado em E. R. Palmer, “First Camp-Meeting Sales of Our Literature”, *Review and Herald*, 10 de agosto de 1922, p. 24.

9

J. F. Piper, “West Michigan Camp-Meeting and Pioneer’s Day”, *Review and Herald*, 15 de janeiro de 1925, p. 18.

10

Virgil E. Robinson, *John Nevins Andrews: Flame for the Lord* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1975), p. 71.

11

Spalding, p. 355.

12

Ibidem.

13

Mahlon E. Olsen, “Adventists become Health Champions”, *Signs of the Times*, 21 de agosto de 1923, p. 10.

14

D. H. Lamson, “How to Make Tents”, *Review and Herald*, 20 de julho de 1876, pp. 26 e 27.

15

James White escreveu: “Pretendemos levar uma tenda familiar connosco para todas as nossas reuniões campais e desejamos que os nossos irmãos provejam para o nosso grupo alimentação e roupas de cama para seis pessoas. Deve haver, pelo menos, uma cama com colchão de molas e um colchão de crina, ou o seu equivalente, para os esgotados e cansados” (“Camp-Meetings”, *Review and Herald*, 17 de maio de 1870, p. 176).

16

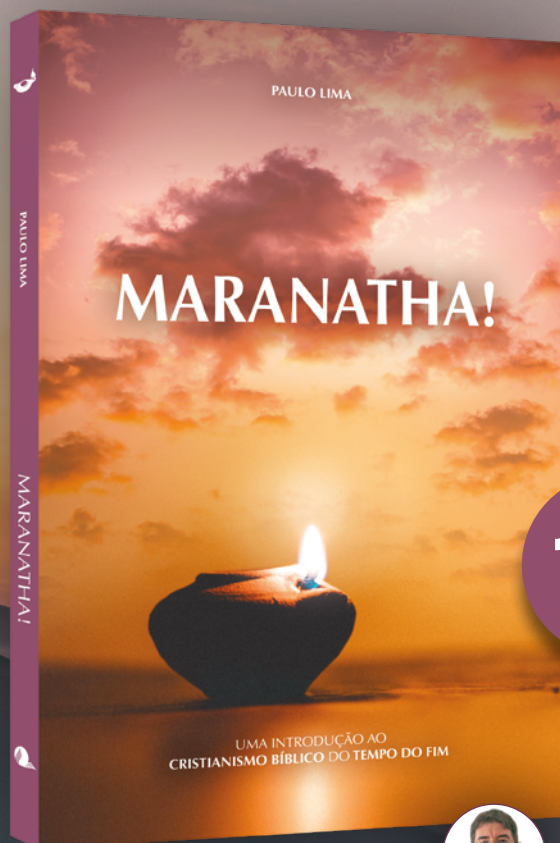
Uriah Smith, “Camp-Meeting Notings”, *Review and Herald*, 18 de agosto de 1874, p. 68.

17

Ellen G. White declarou que “calcula-se que vinte mil pessoas estão reunidas neste bosque” (“Incidents at Groveland, Mass.”, *Signs of the Times*, 14 de setembro de 1876; veja também o Manuscrito 29 de 1897, de Ellen G. White). O “grande dia” da reunião campal de Groveland foi 27 de agosto de 1876, em que ela falou sobre temperança (veja o *Boston Evening Transcript*, 24 de agosto de 1876, p. 8). O jornal local calculou que a multidão que frequentava as reuniões chegou a 4000 pessoas no seu pico máximo (veja *Fall River Evening News*, 29 de agosto de 1876, p. 2).



Adquira já!



Mensagem
do autor:



Compre aqui:



12€



AUTOR:
Paulo Lima

"Acredito que Maranatha! vai tornar-se numa obra de referência para quem procura uma compreensão aprofundada das doutrinas bíblicas e uma visão profética abrangente."

– Pedro Esteves, Licenciado em Teologia e Mestre em Liderança.



—
Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

Os Canhotos no Relato Bíblico

Ao longo da história da Humanidade, a mão direita afirmou-se como o padrão dominante, não apenas nas práticas quotidianas, mas também ao nível cultural e simbólico. Essa predominância reflete-se no facto de a maioria da população mundial utilizar preferencialmente a mão direita para realizar as tarefas diárias, enquanto apenas cerca de 10% dos indivíduos revelam tendência para o uso da mão esquerda, com maior incidência no género masculino.

Na realidade, não se conhece nenhuma sociedade em que os canhotos constituíssem a maioria da população. Pelo contrário, os indivíduos que privilegiavam o uso da mão esquerda sempre representaram um grupo minoritário e foram vistos com desconfiança, preconceito e até discriminação social e religiosa. Em situações de conflito bélico as consequências eram mesmo graves. Alguns estudos mostram que os homens canhotos tinham quase duas vezes mais probabilidade de morrer em combate do que os seus companheiros destros, porque as armas e o equipamento militar eram concebidos apenas para estes últimos.

A estes constrangimentos práticos somaram-se, ao longo do tempo, diversas conotações negativas associadas à palavra “canhoto”. Em latim, o

termo usado para designar a “esquerda” é *sinistra*, que sobreviveu nas línguas atuais, como o italiano, com o duplo significado de “sombrio” ou “perigoso”. Em francês, *gauche* significa tanto “esquerda” como “desajeitado”.

Em contrapartida, em muitos idiomas, como no inglês, a palavra *right* usada para a “direita” transmite também ideias de correção e retidão, enquanto em francês *droit(e)* significa “direito”, “reto” ou “lei”.

Naturalmente, ao longo do relato bíblico, o lado direito surge sempre de forma positiva, sendo referido em mais de uma centena de passagens com conotações favoráveis. Em múltiplos contextos, a mão direita é apresentada como símbolo de honra, poder e bênção, estando associada à autoridade legítima de Deus e à sua ação protetora.

Esta valorização não se limita ao plano simbólico, mas também se refletia nas práticas sociais e protocolares do mundo bíblico. Com efeito, “sentar-se à direita” de alguém importante constituía, na Antiguidade, um sinal inequívoco de proximidade e reconhecimento público, razão pela qual a expressão adquiriu um significado duradouro de dignidade para as comunidades bíblicas (Giffone, 2016: 136).

Um exemplo particularmente elucidativo encontra-se em Génesis 48:17, no episódio da bênção de Jacob aos filhos de José. De forma deliberada, o patriarca cruza as mãos e coloca a mão direita sobre a cabeça de Efraim, o mais novo, preterindo o primogénito Manassés. O gesto causa estranheza a José: “Vendo, pois, José que seu pai punha a sua mão direita



Fig. 1 – Uma adaga de bronze israelita, datada de entre 1000 e 600 a.C. (©Galyn Wiemers, www.generationword.com).

sobre a cabeça de Efraim, foi mau aos seus olhos; e tomou a mão de seu pai, para a transpor de sobre a cabeça de Efraim à cabeça de Manassés.”

Este episódio evidencia, de forma clara, o valor simbólico atribuído à mão direita, não apenas como sinal de primogenitura, mas, sobretudo, como símbolo de eleição e transmissão da bênção, reforçando a associação entre a mão direita e o favor divino.

A recorrente associação bíblica contribuiu para que, na Idade Média, o uso da mão esquerda fosse interpretado como um sinal de desordem espiritual, pecado e ação demoníaca. Esta leitura teve consequências particularmente gravosas para os indivíduos canhotos, que foram, muitas vezes, alvos de marginalização, correção forçada ou suspeição moral.

Embora não haja muitas referências bíblicas a pessoas canhotos, existem algumas menções interessantes a indivíduos esquerdinos, que se destacam pelo seu papel narrativo e simbólico.

Em primeiro lugar, temos a história de Eúde, juiz da tribo de Benjamim, que aproveitou a sua condição rara de canhoto, numa sociedade predominantemente destra, para efetuar um ataque traiçoeiro e inesperado ao rei moabita (Juízes 3:12-30).

Recebido pelo rei Eglom sob a aparência de mensageiro trazendo tributo, Eúde aproximou-se sem levantar suspeitas. Ocultando uma adaga especial na mão esquerda, a sua destreza canhota desempenhou um papel decisivo no desfecho do confronto, atacando de surpresa e causan-

do a morte imediata do rei (Moore, 1986: 89).

Outro episódio que destaca a importância da destreza canhota na tradição bíblica é a referência aos guerreiros canhotos da tribo de Benjamim em Juízes 20:16, que diz: *“Em todo este exército foram escolhidos 700 homens, canhotos. Todos eles, com a pedra da sua funda, eram capazes de acertar num fio de cabelo sem errar.”* Estes soldados eram exímios no manejo da funda, arma que exigia grande coordenação (Seevers e Parrott, 2022: 54).

A condição de canhoto, que em outros contextos era vista como um traço desvantajoso, tornou-se aqui uma vantagem estratégica, pois permitia movimentos inesperados que confundiam adversários habituados a confrontos com destros. Este episódio mostra como uma habilidade tradicionalmente marginalizada se tornou num importante instrumento bélico.

Por fim, outra menção importante está em I Crônicas 12:1 e 2, onde ficamos a saber que, 60 anos depois do acontecimento acima referido, se juntaram às forças de David, em Hebrom, doze guerreiros benjamitas ambidestros. Estes indivíduos eram igualmente fundeiros altamente habilidosos, com igual destreza com a mão direita e a esquerda, habilidade que lhes conferia flexibilidade e imprevisibilidade, surpreendendo os inimigos em combates corpo a corpo (Giffone, 2016: 176). A escolha destes combatentes mostra a perspicácia de David em reunir habilidades notáveis e atributos físicos invulgares, convertendo-os em vantagem decisiva no campo de batalha.



Fig. 2 – Painel de gesso de Nínive representando soldados assírios destros lançando pedras com fundas, no cerco da cidade israelita de Laquish (701 a.C.)
(©The Trustees of the British Museum).

Todas estas histórias bíblicas de canhotos ocorrem sempre em contexto militar e, curiosamente, envolvem sempre membros da tribo de Benjamim. A natureza combativa da pequena tribo de Benjamim tornou-se bem conhecida, e por isso, em várias passagens bíblicas, os seus elementos são retratados como exímios guerreiros.

O que havia de especial na mão esquerda dos guerreiros da tribo de Benjamim? Existiria alguma tendência genética inata que explicasse o fenómeno ou era uma escolha deliberada e treinada (SeEVERS e Klein, 2012: 191)?

Os guerreiros da tribo de Benjamim podem ter sido geneticamente predispostos a ser canhotos, mas esta característica também pode ter sido encorajada entre os soldados, para lhes dar vantagem no combate contra oponentes destros, que não estavam acostumados a lutar contra esquerdinos.

Mas há aqui um interessante jogo de palavras com o nome de Benja-

mim. Este filho de Jacob foi resultado de um parto doloroso, durante o qual a sua mãe, Raquel, morreu, dando-lhe o nome, imediatamente antes da sua morte, de *Ben oni*, ou seja, “filho da minha dor”. Mas Jacob preferiu chamá-lo de *Ben yamin*, que significa “filho da mão direita”, o que pode ser lido como uma metáfora com o sentido de “filho da felicidade” (Giffone, 2016: 136).

Talvez a ironia dos “filhos da mão direita” serem canhotos tenha levado os autores bíblicos a conferir maior destaque a estes Benjamitas, mais por valorizarem o seu protagonismo e capacidade estratégica do que por os considerarem uma anomalia na época.

Voltando ao relato da despedida de Jacob, narrado agora em Génesis 49, é descrito o momento em que, sentindo a proximidade da sua morte, ele reúne os seus filhos junto do seu leito para os abençoar. Benjamim, o mais novo, recebe a bênção do seu pai por último, acompanhada de uma enigmática sentença: “*Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã devora a presa e à tarde reparte o despojo.*” Esta formulação antecipa para Benjamim e para a sua descendência um futuro marcado por uma divisão temporal entre a manhã e a tarde.

A alusão a “um lobo voraz” é tradicionalmente interpretada como uma indicação do poder que alguns membros desta tribo manifestariam. Apesar de ser a menor das doze tribos de Israel e apesar da dimensão reduzida do seu território, Benjamim deu origem a, pelo menos, quatro figuras históricas judaicas de grande destaque.

O primeiro é o referido juiz Eúde, que libertou Israel dos Moabitas; depois vem Saul, o primeiro rei de Israel. Mais tarde, durante o exílio judeu na Pérsia, destacam-se Mardoqueu e Ester, que salvaram o seu povo da condenação à morte; e, finalmente, no Novo Testamento, o apóstolo Paulo também é mencionado como descendente de Benjamim (Filipenses 3:5).

Mas a tribo de Benjamim iria revelar também um lado sombrio. A sua natureza guerreira manifestava-se não apenas na defesa do território, mas também na decadência moral. Ainda antes da instauração da monarquia, no séc. XII a.C., um período caracterizado pela ausência de autoridade centralizada, em que cada um agia conforme o seu critério, a tribo desencadeia uma guerra civil.

O conflito teve origem na horrível violação e no assassinio da concubina de um Levita de visita à cidade benjamita de Gibeá, perpetrados por um grupo de habitantes locais. Em reação, as restantes onze tribos voltaram-se contra Benjamim, desencadeando uma guerra que quase levou à total extinção da tribo, devido à sua recusa em entregar os culpados (Juízes 20:1-12). Contudo, cerca de 600 homens de Benjamim sobreviveram a esta razia, escondendo-se numa caverna durante quatro meses.



Fig. 3 – Funda egípcia proveniente das escavações de Al-Lahun, datada do séc. XVIII a.C. (©Manchester Museum, University of Manchester, Acc. n.º 103)

Finalmente, entristecidas pelas perdas humanas benjamitas, as restantes tribos decidiram promover a restauração da tribo de Benjamim, muito debilitada pela guerra, permitindo que esses 600 homens dessem continuidade à linhagem. O território foi reunificado sob a coroa real de Saul, um Benjamita. No entanto, o episódio deixou marcas profundas e ninguém mais se dispôs a dar-lhes as filhas em casamento.

Geograficamente, o território de Benjamim situava-se a Norte de Judá. Assim, após a divisão dos reinos hebreus e a destruição do Reino do Norte pelos assírios, a tribo de Benjamim tornou-se parte de Judá, o Reino do Sul. Mas quando Judá foi conquistada pelos Babilónios, no início do século VI a.C., e a sua população foi deportada, a tribo de Benjamim, enquanto entidade organizada, onde abundavam indivíduos canhotos, desapareceu da história.

Bibliografia

GIFFONE, Benjamin D. (2016) – “Sit at My Right Hand: The Chronicler’s Portrait of the Tribe of Benjamin in the Social Context of Yehud”. Bloomsbury Publishing.

MOORE, George F. (1918) – “A Critical and Exegetical Commentary on Judges”. Edimburgo.

SEEVERS, Boyd; KLEIN, Joanna (2012) – “Genetics and the Bible: The Curious Case of the Left-Handed Benjamites”. *Perspectives on Science and Christian Faith*. 64:3, pp. 190-191.

SEEVERS, Boyd (2013) – “Warfare in the Old Testament”. Kregel Publications.

SEEVERS, Boyd; PARROTT, Victoria (2022) – “Taking a Sling. How David defeated Goliath”. *Biblical Archaeology Review*. 48:3



Daniel Vicente

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Hoje no Olhos nos Olhos recebemos um homem que viveu inteiramente para servir. Um Pastor de coração doce e fé inabalável. Um amigo que esteve sempre onde havia alguém a precisar de ajuda, fosse para pregar, ouvir, consolar ou até carregar os sacos de compras dos vizinhos do prédio. Daniel Luís Calvelas Vicente nasceu a 7 de setembro de 1959, em Lisboa, e cresceu numa casa cheia de irmãos. Casou-se aos 22 anos com Ana Isabel dos Santos Pereira Calvelas Vicente. Tiveram dois filhos, Andreia e Joel, e hoje são também avós. Em criança sonhava ser professor. Deus, com o Seu sentido de humor, cumpriu esse desígnio de uma forma diferente. Ele formou-se em Teologia na Faculdade Adventista de Collonges-sous-

s-Salève, em França, em 1988, e, mais tarde, aprofundou os estudos em Educação e Orientação Familiar. Foi ordenado ao Ministério a 30 de setembro de 1995 e a sua primeira igreja foi em Ponte de Sor. Desde então, o seu percurso abrangeu quase todo o mapa da educação e da educação familiar. Serviu a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal também como Tesoureiro da União Portuguesa e como responsável do Departamento de Mordomia e da Associação Ministerial, entre muitas outras funções. Homem de fé profunda, coração simples e espírito brincalhão, hoje vamos conhecer o lado humano do Pastor que aprendeu a transformar cada desafio numa oportunidade para confiar mais no Senhor.

ED: Pastor Daniel Vicente, vamos começar por falar um pouco da sua infância. Cresceu numa família muito numerosa. Quantos irmãos eram?

DV: Nós éramos cinco. Duas raparigas e três rapazes. A minha mãe teve mais uma menina antes de mim, mas essa minha irmã morreu.

ED: Cresceu numa família abastada? Isto porque vivia na capital.

DV: Eu vivia na zona de Benfica. O meu pai era operário. Não éramos uma família abastada. Éramos a família de um operário, que controlava muito as despesas. O meu pai era uma pessoa muito organizada. Eu lembro-me que, com 12 anos, recebi um prémio de 100 escudos. Naquela altura, era muito dinheiro. O meu pai voltou-se para mim e disse-me: “Filho, com este dinheiro deves fazer uma poupança.” “Ah, mas eu gostava de comprar isto, eu gostava de comprar aquilo.” O meu pai respondeu-me: “Olha, não sejas como o homem de bronze, que ganha 10 e gasta 11.” Isto nunca mais saiu da minha cabeça.

ED: E manteve esse princípio toda a vida?

DV: Ainda hoje sou assim. Deus abençoa-me ricamente na forma como eu faço a gestão do meu dinheiro. Só durante uma fase da adolescência é que não foi assim. Quando eu deixei de ter Deus no controlo da minha vida. Não é um período do qual eu me orgulho. Foi entre os 14 anos e os 19 anos. Foi um período bastante conturbado, de menino rebelde. Felizmente,



os meus pais conseguiam orientar-me muito bem. Eu dou muito valor àquilo que os meus pais fizeram por mim naquela altura. Os meus pais eram Evangélicos. Frequentavam a Igreja Presbiteriana e eram muito ativos.

ED: Então a infância do Pastor Daniel Vicente incluiu já uma carga de espiritualidade?

DV: Sim. O primeiro livro que eu tive foi uma Bíblia, que os meus pais me ofereceram no Natal, assim que eu aprendi a ler, com seis anos. Ainda tenho essa Bíblia como recordação. Durante a minha fase rebelde, a partir dos 14 anos, ela desapareceu, mas consegui recuperá-la depois.

ED: O que aconteceu?

DV: Aos 19 anos tomei consciência da gravidade do percurso que tinha empreendido. Eu trabalhava das 11 da manhã às 10 da noite. Tinha amigos, que eram os amigos da noite. Não me orgulho nada de todas as palermices que a noite permite. A noite traz muita coisa negativa. Um dia, voltei-me para



O primeiro livro que eu tive foi uma Bíblia, que os meus pais me ofereceram no Natal, assim que eu aprendi a ler, com seis anos.

um daqueles amigos da noite e disse-lhe: “Se algum dia tivermos que dar contas a Deus, o que vai ser de nós?” Ele virou-se para mim e respondeu: “Se Deus tiver de pedir contas, não vêes a quantidade de pessoas que fazem o mesmo que nós? Não te preocupes com isso.” Isso aliviou a minha consciência durante algum tempo. Mas, comecei a pensar: “Algum dia, a minha família vai descobrir tudo isto. Vou dar um pontapé nesta gente toda!” Também comecei a pensar: “Eu não me vou salvar.” Porque eu sabia que estava a agir de um modo errado.

ED: Mas então afastou-se completamente deste grupo de amigos?

DV: Naquela altura não foi imediato. Passei toda uma noite a pensar

como é que ia acabar com a minha vida. Porque os meus pais não podiam saber do rumo que eu dera à vida. Estava desorientado, estava a entrar numa depressão, pelo que comecei a pensar que a melhor solução era acabar com a vida. Hoje, acredito que Satanás estava ali numa luta comigo. Era uma luta entre o bem e o mal. Era Deus por um lado e Satanás pelo outro.

ED: Como veio a intervenção divina nessa luta entre o bem e o mal?

DV: Eu tinha decidido, num determinado dia, que, quando saísse às onze da noite do trabalho, iria descer do Externato onde trabalhava até à Estação do Rossio, para apanhar o último comboio. Naquele tempo, os comboios tinham um compartimento, junto à cabine do condutor, que tinha uma porta que se abria manualmente, não era automática. Eu ia viajar nesse espaço e decidira que, quando o comboio fosse a toda a velocidade no túnel, eu ia abrir a porta e projetar-me contra a parede do túnel. Ora, eu dava aulas de manhã. À noite prestava serviços na Secretaria do Externato. Nesse dia, uma quarta-feira, veio um jovem adventista, chamado Emanuel Raposo, pedir para fazer um telefonema. Nesse telefonema, ele disse algo que eu ouvi: “Mãe, quando saíres daí, vai para a igreja.” Quando ele desligou o telefone, eu disse-lhe: “Tu não és Católico.” “Não, sou Adventista.” “Eu respondi: “Eu sou Evangélico, mas tenho andado um bocado arredado das coisas de Deus.” Ele convidou-me para falar um pouco sobre religião e eu abri-lhe o meu coração. Ele voltou-se



para mim e disse-me: “Daniel, eu vou orar por ti.” Disse-me ainda: “Há uma escritora cristã norte-americana que, num dos seus livros, diz que ninguém desceu tão fundo, ninguém foi tão baixo, que o sangue de Jesus Cristo não o possa purificar e limpar toda a culpa.” O peso que eu tinha nas minhas costas desapareceu. Eu pensei: “Deus ainda me ama, apesar da lama por onde eu andei.” Aquela que poderia ter sido a última noite da minha vida acabou por ser um novo nascimento. Tornou-se a primeira noite do resto da minha vida. Quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi procurar uma Bíblia. Abri-a e os meus olhos pousaram sobre o versículo que, ainda hoje, é o meu versículo favorito. “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” Aí eu senti a minha salvação, realmente.

ED: E depois esse jovem adventista convidou-o a frequentar uma igreja Adventista do Sétimo Dia?

DV: Ele tinha-me dito, quando nos despedimos, “Eu vou-me preocupar contigo, mas não te vou aborrecer.” Passado quatro dias, encontrei-me com ele, porque parecia que a minha oração não passava do teto. Eu queria orar com ele. Orei com ele e abri o meu coração a Cristo. Eu senti-me liberto, completamente liberto e perguntei-lhe: “Agora o que faço?” Ele disse-me: “Quando foi a última vez e o último lugar onde te encontraste com Jesus?” “Foi na igreja que os meus pais frequentam e que eu frequentava.” “Então vai encontrar-te lá com Ele outra vez.” E eu fui. Receberam-me muito bem. Era um domingo de Santa Ceia. Quando o Pastor estava a partir o pão e eu estava decidido a participar na Santa Ceia, ouvi uma voz que di-

Quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi procurar uma Bíblia. Abri-a e os meus olhos pousaram sobre o versículo que, ainda hoje, é o meu versículo favorito. “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” Aí eu senti a minha salvação, realmente.

zia: “Não é aqui.” Eu percebi que era a voz de Deus. Eu respondi: “Senhor, se não é aqui, diz-me onde é, porque eu já errei tanto, não quero continuar a errar. Quero estar contigo.” Então, na segunda-feira seguinte, encontrei de novo o Emanuel. Ele voltou-se para mim e disse-me: “Então, como foi?” Eu disse-lhe: “Foi muito agradável, fui muito bem recebido. Mas, tu tinhas-me dito que, um dia, gostavas de ir à minha igreja. Antes de tu ires à minha igreja, eu quero ir à tua.” “Está bem”, disse-me ele. Explicou-me onde era a igreja adventista. Eu fui. A pregação era sobre o filho pródigo. Isso tocou-me. Mas a confirmação do chamado de Deus foi o hino final: “Volta ao Lar.” Aquilo era a história da minha vida. Não tinha que procurar em mais lado nenhum, era ali a Igreja de Deus. Eu chorava que nem uma “Madalena arrependida”, com duas jovens ao meu lado. Quando terminou aquele cântico, eu orei: “Muito bem, se é aqui, Senhor, eu fico aqui. Não sei em que

acredita esta igreja, não sei porque me estás a dizer que é aqui, mas se Tu dizes que é aqui, então aqui será.” Foi o primeiro Sábado de todos os Sábados até hoje.

ED: Depois o Pastor casa, em 1981, com a Ana Isabel. Constituem uma família. Em que momento é que decidiram ir estudar para França?

DV: No segundo ano de casado, eu assisti a uma semana de oração de jovens, feita pelo Pastor Juvenal Gomes, em que ele fez um apelo para que os jovens dedicassem a sua vida ao Senhor. Quando ele disse isso, eu senti que era o chamado de Deus. A Ana não tinha ido a essa reunião porque estava grávida da nossa filha mais velha. Então cheguei a casa e disse-lhe: “Hoje, na reunião, eu disse a Deus que iria dedicar a minha vida ao serviço d’Ele, como Pastor, se Ele quisesse. O que achas?” A Ana respondeu: “Se essa é a vontade de Deus para ti, eu casei contigo para estarmos juntos.”

ED: É nesta altura, em França, que nasce o seu filho Joel. É complicado para o Pastor falar no Joel?

DV: Não, atualmente já não. Hoje, centro-me mais nas recordações. A saudade é imensa, cada vez maior. As pessoas dizem que o tempo cura tudo, mas não é verdade. O tempo pode ajudar a cicatrizar, mas a cicatriz está lá.

ED: Como é esta dor da perda de um filho?

DV: Dizem que é a dor mais lancinante que existe. Isso não há dúvida.



Já passei por coisas muito duras, mas nenhuma tão dura quanto essa. A noite da morte do Joel foi, sem dúvida, a noite mais difícil da minha vida. O Joel estava a estudar na Argentina, na Universidade Adventista de La Plata. Tinha 21 anos. E, num Sábado de manhã, foi assistir ao serviço de culto das comemorações dos 100 anos da chegada do Adventismo àquele lugar. Quando vinha da Escola Sabatina para o refeitório, foi colhido por uma moto que vinha a grande velocidade, que lhe quebrou os dois ossos longos das pernas, isto é, o perónio das duas pernas. Houve uma mistura do sangue com a gordura do osso, que provocou uma embolia gorda e, passados oito dias, ele morreu. Nós saímos de Portugal no domingo, rumo à Argentina, para estarmos com ele na segunda-feira, quando fosse operado. Só que,

quando chegámos, a embolia gorda já se tinha produzido. O Joel já estava sedado para estar em coma induzido, porque a dor era muito grande. E ele esteve, assim, sete dias, que foram os dias em que eu me senti mais perto de Jesus, de Deus. Mas oito dias depois, num Sábado à noite, ele faleceu.

ED: Na altura, houve uma grande comunidade de oração na Igreja portuguesa, até porque o Pastor era então o Tesoureiro da União e fazia parte da Administração em Portugal. Sentiu mesmo o poder da oração num momento tão difícil?

DV: Senti. E se não fosse esse poder da oração, teria sido muito difícil ultrapassar isto. Eu compreendo porque é que há pais que nunca ultrapassam isto. Sem Deus, acho que é impossível.

ED: Pastor Daniel, como gostaria de ser lembrado pelas pessoas que o acompanharam ao longo do seu ministério?

DV: Se fosse a inscrição na laje de uma tumba, gostaria que esta dissesse: “Aqui está um amigo.” Porque eu sinto que tenho o privilégio de ter muitos amigos. E também tenho feito o possível para ser amigo. Eu gosto de ser amigo. Por isso, gostaria que me recordassem como um amigo, um amigo que tem um Amigo maior, que também é Amigo deles.

ED: Pastor Daniel, muito obrigado pela inspiração que é a sua vida.

DV: Eu também agradeço muito esta oportunidade.



João Daniel Faustino
Diretor do Departamento de Educação da UPASD

Educação Adventista

Uma Missão que Transforma Vidas em Portugal.

Falar de Educação Adventista é falar de missão. Desde os seus primórdios, a Igreja Adventista do Sétimo Dia compreendeu que educar é muito mais do que transmitir conteúdos académicos, é participar no plano divino de restaurar o ser humano à imagem do Criador. Em Portugal, esta visão continua viva e ativa, assumindo-se como um dos instrumentos mais relevantes da missão da Igreja junto das novas gerações, das suas famílias e da comunidade em geral.

A Educação Adventista não existe apenas para formar bons alunos, mas para formar pessoas íntegras, comprometidas com Deus, com o próximo e com a Sociedade. A sua ação desenvolve-se de forma integrada através da família, da igreja e da escola, três pilares que, quando trabalham em harmonia, criam um ambiente propício ao crescimento espiritual, intelectual, físico e social.

Uma Missão que Começa no Coração

Num contexto social cada vez mais secularizado, onde as referências morais são frequentemente relativizadas, a Escola Adventista assume-se como um espaço onde a fé e a aprendizagem caminham lado a lado. Aqui, o conhecimento não é separado de Deus, mas entendido como parte do Seu plano para o desenvolvimento humano.

Cada sala de aula é um campo missionário, cada professor é um educador missionário, cada auxiliar é um agente de cuidado e de testemunho. A influência espiritual que parte de uma oração antes de uma aula, de um momento de partilha bíblica ou de um gesto de atenção a um aluno em dificuldade tem um impacto que, muitas vezes, só a eternidade revelará.

Esta dimensão espiritual é o centro da proposta educativa adventista. Educar para a eternidade significa

ajudar cada criança e jovem a descobrir o seu valor aos olhos de Deus, a desenvolver um caráter cristão e a perceber que a sua vida tem um propósito maior: Servir.

A Rede Escolar Adventista ao Serviço da Igreja e da Sociedade

Nos últimos anos, a Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia em Portugal tem vivido um processo de consolidação institucional e de crescimento sustentado. As Escolas Adventistas não são apenas instituições de ensino, são extensões da missão da Igreja, pontes entre a fé e a comunidade.

Em 2025, celebrámos marcos importantes que testemunham esta vitalidade. A integração de novas instituições na rede, o reforço da qualidade pedagógica e os investimentos realizados em infraestruturas demonstram um compromisso claro com a excelência e com a criação de ambientes educativos seguros, funcionais e inspiradores.

As Escolas Adventistas continuam também a ser espaços de evangelismo relacional. Muitas famílias que não pertencem à Igreja Adventista do Sétimo Dia escolhem as nossas escolas pela qualidade educativa e pelo ambiente de valores. Mediante o contacto diário com professores, funcionários e projetos de natureza espiritual, estas famílias são alcançadas de forma natural, respeitosa e significativa.

Família e Igreja: Parceiros Essenciais

A missão educativa da Igreja não se limita às escolas. O Departamento de Educação tem procurado fortalecer a ligação entre a família, a igreja local e a

escola, promovendo uma visão integrada da formação das crianças e dos jovens.

A dinamização do Dia da Educação Adventista nas igrejas, a divulgação dos Manuais de Bíblia e de Educação Moral e Religiosa e a proximidade com os Secretários de Educação locais são exemplos concretos de como a igreja pode ser envolvida de forma ativa nesta missão. Quando a igreja compreende que a educação é também responsabilidade sua, cria-se uma rede de apoio espiritual que reforça o trabalho desenvolvido nas escolas e nos lares.

O olhar para 2026:

Consolidar, Formar e Inovar

O ano de 2026 apresenta-se como mais uma etapa significativa nesta caminhada missionária. O Plano de Ação do Departamento de Educação reafirma o compromisso de “Educar para a Eternidade”, alinhando-se com os pilares estratégicos da Igreja em Portugal: Espiritualidade, liderança, presença na comunidade e inovação.

Uma das iniciativas centrais será a **Convenção Nacional de Educação**, dirigida a docentes e não docentes. Este encontro terá como propósito reforçar o alinhamento com a Filosofia da Educação Adventista, promover a formação contínua e fortalecer o sentido de missão de todos os profissionais envolvidos. Mais do que uma ação formativa, será um momento de renovação espiritual e de visão comum.

Será também promovido, em todo o território nacional, o **Dia da Educação Adventista**, incentivando igrejas e escolas a celebrarem juntas este ministério. Esta iniciativa visa re-

forçar a consciência de que a educação é parte integrante da missão da Igreja e uma responsabilidade partilhada por toda a comunidade de fé.

Outro eixo relevante para 2026 é a valorização e promoção dos **Manuais de Bíblia e de Educação Moral e Religiosa**, instrumentos que ajudam a unir a família, a igreja e a escola na formação espiritual das novas gerações. Estes recursos permitem que a educação da fé aconteça de forma consistente e intencional, tanto em contexto escolar, como no lar.

Formação para Servir Melhor

A qualidade da missão educativa depende, em grande parte, da preparação dos seus agentes. Nesse sentido, a **Academia AREASD** continuará a desenvolver formação profissional certificada, colocando-se ao serviço da Igreja e das suas instituições. A aposta na capacitação de docentes e não docentes revela a compreensão de que cada função, dentro da escola, tem impacto direto na experiência e no desenvolvimento dos alunos.

Paralelamente, a **Rede Escolar Adventista** continuará a investir na melhoria das infraestruturas e na consolidação institucional, criando condições cada vez mais adequadas para o ensino e para o testemunho cristãos. Também o apoio às famílias que optam por modalidades alternativas de ensino continuará a fazer parte desta missão de serviço e de acompanhamento.

Universitários: Missão no Ensino Superior

A missão educativa adventista estende-se igualmente ao Ensino Supe-

rior, através do trabalho desenvolvido com os universitários adventistas. Em 2026, a colaboração com a Associação dos Universitários Adventistas será reforçada por meio de programas de estágio e voluntariado, em parceria com o *Projeto GPS*, promovendo experiências de serviço que ajudam os jovens a integrar fé e vocação.

Momentos como a **Bênção de Finalistas** e o **LOGOS – UNITalks 2026** proporcionarão espaços de reflexão bíblica, partilha de testemunhos e compromisso com a missão, fortalecendo a identidade espiritual dos estudantes num ambiente académico muitas vezes desafiante para a fé.

Educar é Preparar para a Eternidade

Ao olharmos para o percurso feito e para os planos traçados, reafirmamos que a Educação Adventista é um dos braços missionários mais poderosos ao serviço da Igreja. Cada criança que aprende a orar, cada jovem que descobre o seu chamado, cada família que se aproxima da fé por meio da escola é um testemunho vivo do impacto desta obra.

Educar, à luz da visão bíblica, é participar no processo de restauração que Deus deseja operar em cada ser humano. É preparar cidadãos responsáveis para esta Terra e candidatos para o Reino de Deus. É semear hoje valores que florescerão por toda a eternidade.

Que cada membro da Igreja veja na Educação Adventista não apenas um serviço, mas uma missão. E que, unidos, possamos continuar a formar gerações que conhecem Deus, O amam e O servem.



Conceição Teles

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

MIRIAM

CHAMADA PARA SERVIR

“Certamente te fiz subir da
terra do Egito [...] e pus diante
de ti Moisés, Aarão e Miriam”
(Miqueias 6:4).





Aponta o telemóvel
e descobre
as surpresas
preparadas para ti:



[recursos.adventistas.org.pt/criancas/
documentos/espaco-juvenil-herois-da-
biblia-marco-2026/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-marco-2026/)

Mensagem de Miriam

Olá! Eu sou Miriam, a irmã mais velha de Moisés e de Aarão. Quero contar-vos como Deus me usou desde pequena e como Ele transformou o meu coração.

Deus concedeu-me a honra de ser uma das líderes que ajudou a guiar o povo de Israel para fora da escravidão no Egito.

O Egito era um lugar muito perigoso para os meninos hebreus. O rei tinha dado uma ordem terrível: Todos os bebés hebreus do sexo masculino deviam ser mortos ao nascer.

Por trás desta maldade estava Satanás. Ele sabia que Deus iria escolher um libertador para libertar os Israelitas do Egito.

Enquanto esse decreto estava em vigor, os meus pais, Anrão e Joquebede, tiveram um bebé: O meu irmãozinho Moisés. A minha mãe conseguiu escondê-lo durante três meses. Depois preparou um cesto de junco, impermeabilizou-o e colocou-o entre as plantas no rio Nilo. Ela confiou que Deus cuidaria do bebé.

Fiquei ali por perto, a observar, ansiosa, tentando não chamar a atenção para não ser descoberta. Não estava sozinha, pois anjos invisíveis também ali estavam.

Os anjos levaram a filha do Faraó até ao meu irmão, que chorava dentro da cesta. Ao vê-lo, a princesa percebeu que a sua mãe estava a tentar salvá-lo. Decidiu poupá-lo e adotá-lo como seu filho.

Nesse momento, Deus deu-me coragem e ofereci-me para chamar uma ama hebreia para cuidar do bebé.

Nem imaginas o quanto corri para chamar a minha mãe! Depois, fomos falar com a princesa, e a minha mãe cuidou do seu bebé. Eu ajudei a salvar a vida do meu irmão, que viria a ser o libertador do nosso povo.

Deus também me abençoou com dons especiais: Fui profetisa e tinha talento para a música e para a poesia.

Nunca esqueci o dia em que o Mar Vermelho se abriu diante de nós. Quando atravessámos em segurança, peguei no meu tamborim e liderei as mulheres num cântico de vitória e gratidão a Deus.

O povo respeitava-me muito. Eu ocupava uma posição de honra, logo depois dos meus irmãos Moisés e Aarão.

Mas foi precisamente aí que o meu coração começou a mudar.

Eu e Aarão ficámos incomodados por não termos sido consultados na escolha dos setenta anciãos. Também temíamos perder influência quando Moisés aceitou o conselho de Jetro, o seu sogro.

A verdade é que deixei a inveja crescer dentro de mim e acabei por criticar até a esposa de Moisés, Zípora.

O Senhor ouviu as nossas queixas. Como fui eu quem começou a crítica, fiquei coberta de lepra, uma doença de pele muito grave.

Moisés intercedeu por mim e Deus curou-me. Tive de ficar sete dias fora do acampamento e aprendi que a inveja e a maledicência são pecados muito graves.

Amiguinho, usa os teus talentos com um coração humilde, para dares glória a Deus e não para seres mais importante do que os outros.

O que Aprendi com Miriam

- A **MÚSICA** é uma forma poderosa de louvar Deus.
- A **INVEJA** e o **ORGULHO** podem destruir o nosso carácter.
- Devemos **RESPEITAR** aqueles que Deus escolheu para **LIDERAR** o Seu povo.

Queres Ser Como Miriam?

- Usa os teus talentos para glória de Deus.

- Sê fiel nas pequenas responsabilidades da tua família.
- Respeita os teus pais, irmãos, avós, professores...

Desafio: “A Verdadeira Vitória”

- Reúnam-se em família e partilhem as vossas vitórias com Deus. Depois, leiam juntos o que está escrito abaixo.

A verdadeira vitória NÃO É:

- Quando todos te aplaudem;
- Quando sentes que és o maior, o mais importante;
- Quando vences os outros.

A verdadeira vitória É QUANDO:

- Deixas de sentir inveja e escolhes alegrar-te com o outro;
- Tens vontade de criticar, mas escolhes encorajar;
- Queres magoar, mas decides cuidar e amar;

Vive de tal maneira que Deus possa dizer-te: “Aqui está alguém com quem Eu posso contar!”





A Família e a Inclusão

Três chávenas de chá é o título de um livro que conta a história de Greg Mortenson, um alpinista que, ao tentar conquistar o K2, a segunda montanha mais alta do mundo, se viu perdido, sendo a sua vida salva pelo socorro que recebeu de uma pequena vila no Paquistão. No sentido de retribuir o bem recebido, voltou para os Estados Unidos da América para levantar fundos, de forma a construir uma escola para

as crianças, especialmente as meninas que, naquela região, não tinham acesso à educação. Ficou muito frustrado porque notou que não havia, da parte da população local, o mesmo entusiasmo para construir a escola e trabalhar pelo objetivo que tinha fixado. Foi então que recebeu de um ancião local chamado Haji Ali, o conselho de tomar três chávenas de chá com os locais, a fim de poder ter a sua coopera-

(Inclusão) Refere-se ao respeito pela igualdade e pelos direitos iguais de cada ser humano, em virtude da nossa origem comum, pois fomos todos criados à imagem e semelhança de Deus.

ção, porque, segundo Ali, na primeira chávina ainda somos um estranho, na segunda somos um visitante honrado e na terceira somos família. Ora, pela família faz-se qualquer coisa. Segundo o livro, seguido o conselho, Mortenson construiu não apenas uma escola, mas várias, com bastante sucesso e cooperação.

Pela família faz-se qualquer coisa, dizia Haji Ali, na sua realidade paquistanesa. Será que, no mundo ocidental, as coisas também funcionam assim? Será que o estatuto “família” garante a inclusão de todos dentro do lar? Será a inclusão um valor que é ensinado em casa? E a igreja? Será que ela é, de facto, uma família, como muitas vezes afirmamos? Família onde a inclusão acontece naturalmente?

Na sociedade individualista, hedonista e polarizada em que vivemos, seria esperar demais querer ser sempre tratado de forma inclusiva. Que uma criança, filha de imigrantes, seja discriminada e, até, vítima de *bullying* na escola é uma desgraça, mas participarem deste tratamento injusto os colegas, que frequentam a mesma igreja e

escola, é incompreensível. Dura também é a experiência de uma família com uma criança autista, que, logo à partida, já tem tantas dificuldades. Sabe-se que casais com filhos autistas têm uma prevalência de divórcio superior àqueles com crianças típicas. Quando esta família é objeto de julgamento e crítica porque o seu filho não se comporta bem na igreja, muitos pais simplesmente deixam de frequentar a congregação.

Segundo uma definição da palavra “inclusão”, este termo refere-se à “prática ou conjunto de práticas que visam eliminar as desigualdades resultantes de discriminação, de necessidade especial ou de outra circunstância limitadora ou impeditiva da participação plena de indivíduo ou grupo de indivíduos numa sociedade”.¹ Refere-se ao respeito pela igualdade e pelos direitos iguais de cada ser humano, em virtude da nossa origem comum, pois fomos todos criados à imagem e semelhança de Deus. Implica que aceitemos a diversidade e sejamos intencionais em potencializar a utilidade de cada membro da comunidade, tendo em conta as suas características e necessidades peculiares.

O que pode cada família, bem como a família maior, a igreja, fazer pela inclusão? Sem querer ser exaustivo, deixo aqui algumas sugestões:

Ensinar a inclusão por preceito.

Ainda me recordo, na missão do Bonngo, Angola, onde vivi num contexto multicultural, de ver e ouvir histórias missionárias na minha escola sabatina infantil, ilustradas em feltro, sobre



crianças de diferentes etnias, como o pequeno mexicano com o seu *sombreiro*, o asiático e o africano. Crianças a quem Jesus amava por igual. Viajar ou ler acerca de pessoas de outras culturas, assistir a um documentário acerca das diferentes deficiências e de como é viver com elas, poderá ser uma outra forma de ensinar e sensibilizar para a inclusão.

Ensinar a inclusão por exemplo.

É preciso ter cuidado com o que dizemos. Existem estudos que revelam que, por natureza, somos preconceituosos. Se, em vez de nos educarmos para não o sermos, verbalizarmos descuidadamente o que pensamos, os nossos filhos irão captar a mensagem. Podemos conversar abertamente em família sobre quão falhos são, por vezes, os nossos juízos e preconceitos. Podemos, também, ser intencionais ao procurar, de forma proativa, contato – quem sabe através de convite para uma refeição em nossa casa – com pessoas de outra cultura ou etnia, com pessoas com deficiência ou com

pessoas socialmente excluídas, como os idosos ou pessoas recém-chegadas. Será também interessante fazer voluntariado numa instituição com pessoas deficientes, para nos ajudar a compreender as barreiras enfrentadas pelos outros. Ato são necessários, pois falam mais alto do que as palavras.

Deus criou-nos para sermos uma família. Jesus identificou-Se com a família humana, tornando-Se um de nós. Infelizmente veio para os Seus e os Seus não O receberam (João 1:11). A exclusão, em contraste com a inclusão, é dolorosa e caracteriza o nosso mundo frio e egoísta. Não nos podemos esquecer que somos família, pois cada ser humano faz parte da família de Deus e pela família faz-se qualquer coisa. Se tão somente pararmos um pouco, não necessariamente para uma chávena de chá, mas para descobrir em cada pessoa um filho de Deus, seremos uma luz a brilhar neste mundo.

¹
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/inclus%C3%A3o>



COLEÇÃO
Folhas de Outono

O MAIOR discurso de CRISTO	A CIÊNCIA do BOM VIVER	PARÁBOLAS de JESUS
O Grande Conflito	O Desejado de Todas as Nações	o LAR Cristão
Serviço CRISTÃO	ORAÇÃO	EDUCAÇÃO
Patriarcas e Profetas	As Mensagens dos TRÊS ANJOS	67,50€ PACK